

“PSICANÁLISE & MODERNIDADE”: FRAGMENTOS DA CONSTITUIÇÃO DO CAMPO PSICANALÍTICO NA PARAÍBA

Ivontonio Gomes Viana*

O presente artigo procurou rastrear a gestação da Psicanálise e suas atuais configurações no território paraibano. Bourdieu (1930-2002), Foucault (1926-1984) e Simmel (1858-1918) consubstanciaram referencial seguro desde a elaboração até a finalização da nossa empreitada investigativa. Suas formulações aparecerão paulatinamente no decorrer do texto sem a pretensão de construir aqui uma exaustiva revisão e/ou tratado de suas obras, mas sim na intenção de preparar terreno firme no qual repousará nossos achados. Coube, também, como maneira de contextualizar nosso cenário de investigação, realizar um passeio pelos Clássicos da Sociologia – Durkheim, Marx e Weber – e alguns autores contemporâneos (GIDDENS, 1991; FIGUEIREDO, 1994; NOBRE, 1999; FRIDMAN, 2000; entre outros) com intuito de fundamentar a relação Psicanálise & Modernidade para, posteriormente, adentrar nas especificidades da Psicanálise na Paraíba.

Modernidade & Psicanálise: encontro e desencontros

Ao tomarmos os Clássicos da Sociologia – Durkheim, Marx e Weber – veremos que a noção de Modernidade foi decisiva para que o sentido em torno de suas formulações ganhassem consistência, afinal cada um, até mesmo por serem pensadores eminentemente imbuídos pelas problemáticas de suas épocas, possui contribuições específicas, uma vez que eles pinçaram da experiência moderna aspectos diferentes conforme seus olhares e sentimentos diante da realidade social.

O interessante é perceber também que os três autores anteriormente citados vivem momentos nos quais o auge da experiência moderna já teria sido vivido, ou seja, o Iluminismo e, por conseguinte, a Revolução Francesa. Eles, desta feita, já nos trazem uma reflexão acerca dessa referida Modernidade, deste dito momento áureo.

Nobre (1999), por exemplo, ao tentar explicitar o que há da Modernidade no pensamento destes autores clássicos, nos diz, fazendo referência a Rouanet, que seus suportes filosóficos vão ser encontrados no *universalismo*, no *individualismo* e no *cognitivismo* presentes no movimento Iluminista. Todos eles, então, apontam para um homem que possui o conhecimento advindo da razão como centro universalizante das experiências que selam a individualidade. Ao destacar estes elementos, a intenção é demonstrar, a partir de categorias

* Professor do Depto. de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, psicólogo, Doutorando e Ms. em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

como *contexto, homem e saber*, as afinidades do pensamento sociológico clássico com o Iluminismo. E assim ele estabelece as articulações iniciais: “(...) a) *O contexto moderno como inovação histórica (universalismo)*; b) *O homem moderno como inovação antropológica (individualismo)*; e c) *a ciência moderna como inovação cognitiva (cognitivismo)*” (NOBRE, 1999: 88).

Num primeiro momento, quando Nobre (1999) correlaciona o universalismo presente no pensamento iluminista e a categoria contexto, ele pretende demonstrar que o elemento histórico apresenta-se como motor das transformações sociais e, conseqüentemente, vem marcar de maneira profunda o pensamento de Durkheim, Weber¹ e Marx. Evidentemente que cada um com as suas especificidades. Durkheim com sua ênfase na ordem social e sua defesa de um progresso trazido pela Modernidade desde que seja realizado com ordem e calcado nas instituições sociais. Weber com sua compreensão de que o Capitalismo nos condena, de certa forma, a um processo de desencantamento do mundo (racionalização). E Marx que se mostra otimista com a idéia de que o Capitalismo será suprimido pela Ditadura do Proletariado.

No que tange a relação individualismo e a concepção de homem presente nos autores, veremos, junto com Nobre (1999), que neles a Modernidade é vista como uma “*sociedade de indivíduos*”. Claro que cada um aponta elementos conforme seu cabedal teórico. Durkheim, por exemplo, possui um olhar bem diferente, uma vez que o lógico e o racional não se encontram juntos no indivíduo, mas do lado da coletividade (consciência coletiva). Em Weber, a individualidade fica evidenciada na medida em que é o indivíduo o elemento empírico em termos sociológicos, bem como é na compreensão das suas ações (motivações) que precisa ocupar-se o sociólogo. Já em Marx, a Modernidade vem reificar, coisificar o homem, vem colocá-lo subordinado à materialidade, ou melhor, um homem que precisa fazer valer a sua consciência crítica ou simplesmente será tragado pela força do capital.

Por fim, Nobre (1999) procura apontar a relação entre o cognitivismo e a Ciência. Deixa evidente a devoção presente em todos os três autores no que tange ao pensamento científico: a Ciência é sim uma ruptura, uma cisão com o pensamento metafísico. É lógico que a relação estabelecida com o saber científico varia de teórico para teórico. Durkheim acredita

¹ O autor nos alerta para a problemática existente na relação universalismo e pensamento weberiano. Diz ele: “(...) a questão da universalidade é bastante problemática em Weber. O pressuposto do autor de que qualquer forma de racionalidade social assenta-se numa validade substantiva distancia-o do princípio universalista ao subordinar os processos de racionalização à relatividade dos valores” (NOBRE, 1999: 93). E continua: “(...) não sem ambigüidades, Weber esboçou uma concepção do ocidente moderno como uma situação de destino, marcada pela confluência de processos racionalizantes (...), onde os meios ganham autonomia sobre os fins (...)” (NOBRE, 1999: 93). Desta feita, é preciso compreender que Weber acaba marcando de maneira singular a sua compreensão acerca do homem moderno, afinal ele já nos remete a uma quebra de paradigma, qual seja: a problematização da idéia de universais – a idéia de que existe uma natureza social e/ou humana.

na neutralidade e valoriza significativamente o conhecimento científico mediante sua defesa do método sociológico baseado no Positivismo. Weber mostra-se mais cético, no entanto procura fomentar ferramentas, tais como: tipo ideal e neutralidade axiológica, para proteger o pesquisador quando no seu ofício. Marx, por sua vez, acredita na revelação oriunda de uma análise dialética da realidade, uma verdadeira (des)naturalização da ideologia vigente.

Percebemos, desta forma, que a Modernidade, marcada profundamente pelo pensamento iluminista, ganha consistência quando associada ao pensamento sociológico clássico e nos permite entender os pilares constitutivos desta nova Ciência do homem e da sociedade.

Vejamos que diante de tamanhas argumentações, a Psicanálise não nos parece distante. O pensamento de Freud também pode ser articulado, em certa medida, com esses fundamentos filosóficos dispostos por Rouanet e referendados por Nobre (1999). O universalismo, por exemplo, talvez seja o fundamento filosófico mais presente na obra psicanalítica: a concepção da sexualidade como energia vital e elemento motivador da “natureza humana” – libido – ganha ares de axioma e lei que rege o psiquismo humano nas mais variadas épocas e contextos sócio-históricos. É aqui que se verifica o pilar de toda a meta-narrativa inventada pelo pensamento psicanalítico. O individualismo também aparece como fundamento significativo na medida em que a Psicanálise vem construir e edificar todo um campo de saber calcado no privado: o indivíduo agora precisa ser ouvido e seu discurso é elemento decisivo no seu processo terapêutico, mesmo sabendo-se que esse indivíduo vive um eterno conflito pulsional que o dota de um caráter de pura incompletude e desarmonia psíquica. Por último, temos o cognitivismo e sua defesa e legitimação do conhecimento e da razão como delineadora do saber em sociedade. A Psicanálise aqui soa um tanto cética por mais que se possa dizer que o grande sonho de Freud era fazer da Psicanálise uma Ciência com letra maiúscula. No entanto, a defesa da razão parece ir de encontro com a própria noção de inconsciente, pois a lógica aqui é radicalmente diferente daquela adotada pelos psicólogos e filósofos no seu processo de defesa da consciência e sua tão expressiva racionalidade. Mas, podemos ainda argumentar: não teria o inconsciente uma razão própria? Ou melhor, uma razão de uma outra ordem apenas? Dito de outra forma, ao procurar interpretar os sonhos, as produções históricas, os sintomas, os chistes, os atos falhos não se está buscando uma racionalidade, uma lógica? Eis uma questão que parece ferir os princípios psicanalíticos. No presente momento, o importante é reconhecer a presença desses fundamentos no pensamento de Freud e percebê-lo como também um autor que sustenta os pilares daquilo que hoje reconhecemos como Modernidade.

E poderíamos estabelecer relações mais estreitas entre Freud e os Clássicos da Sociologia?

Se tomarmos Durkheim, de início, podemos lembrar sua preocupação com os princípios morais tão caros para a vida em sociedade. Em Freud, também é possível encontrar esse forte apelo e defesa dos valores burgueses, principalmente no início da obra quando este associava a repressão² com o desenvolvimento da neurose. No texto *“Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”* (FREUD, 1908) é explicitado sua esperança no sentido de que a diminuição dos rigores morais possa trazer maior bem-estar social e amenização nos casos de neurose. Logo em seguida, Freud percebe que a moral não se encontra contrária a expressão da sexualidade, mas, na verdade, ela se encontra a serviço da própria sexualidade. A moral apenas reedita algo que é da própria “natureza humana”: sua incompletude, sua impossibilidade de realização do desejo (MILLOT, 1992). Sendo assim, Freud aproxima-se de Durkheim uma vez que reconhece o quanto às instituições sociais (família, Estado, Igreja...) são importantes na manutenção do dito “equilíbrio” pulsional. Afinal, nem repressão, nem liberdade em demasia são elementos profiláticos diante da neurose.

Caso tomemos Weber, podemos seguir a vertente das discussões acerca do processo de desencantamento do mundo, pois o texto de Freud *“O mal-estar na civilização”* (FREUD, 1929) nos soa como elemento que corrobora o argumento weberiano. Se o mundo foi perdendo seu encantamento; se as ilusões começam a perder suas cores e o tom de cinza começa a povoar nosso cotidiano e nos transformar em seres (homens-mulheres?) de uma racionalidade instrumental, utilitarista e, acima de tudo, nada solidária, é justamente porque aí reside a experiência da Modernidade e sua nova ordem social: a Ciência. Freud também trazia esta percepção, por mais que estivesse muito mais seduzido do que Weber pelos ideais positivistas e estruturalistas. O inconsciente é um oceano a ser desvendado, todavia, Freud já nos alertava: nunca o será por completo! Sua a-temporalidade destitui qualquer investida num sentido outro que não seja o contato com fragmentos, estilhaços dos desejos e sua lógica pulsional. Daí a vida em sociedade ser apenas uma reedição, para Freud, da dinâmica psíquica. Viver é desencantar o mundo e encantá-lo concomitantemente. E viver nesta sociedade moderna, marcada pelo mal-estar, é lançar mão de duas saídas, segundo Freud, não menos marcadas pela (des)ilusão, quais sejam, o amor e o trabalho. Eis aí uma estreita relação entre Weber e Freud: a sociedade moderna e a edificação de uma mitologia própria, peculiar:

² A repressão aqui é entendida como uma força externa ao sujeito. Posteriormente, Freud vai preferir falar em recalque, pois este se referirá a um movimento intrapsíquico (interno).

o mito da racionalidade e seus ideais de felicidade e satisfação. Bauman (1998) atualiza a noção de mal-estar e nos permite pensar o homem de hoje como aquele que trocou a segurança pela busca de momentos felizes – um colecionador de sensações.

Por último, temos o pensamento de Marx. Seu determinismo econômico e sua concepção de homem como portando uma “natureza”, que é corrompida pelo Capital, parece encontrar paralelos com as produções psicanalíticas. Freud também nos fala de um determinismo. Seu texto clássico *“A interpretação de sonhos”* (FREUD, 1900) expõe radicalmente toda a sua formulação teórica. O chamado determinismo psíquico é quem fundamenta a metapsicologia freudiana, bem como sua terapêutica. É tal determinismo que permite a Associação-livre e, conseqüentemente, as possíveis interpretações do psicanalista, pois é justamente no livre falar (“fale aquilo que lhe vir à cabeça!”) que a Psicanálise edificará sua radical separação com o saber médico – por mais que até hoje traga essa herança como portando uma espécie de “maldição”. Desta forma, assim como Marx, Freud também constrói uma meta-narrativa. Uma espécie de saga humana que mostra o quanto estamos submetidos a uma lógica própria: a lógica do inconsciente ou da infra-estrutura. Somos determinados e enquanto homens e mulheres pouca coisa nos resta a fazer. Temos que aguardar a libertação via Ditadura do Proletariado ou fazer a travessia do Édipo, via tratamento psicanalítico, em busca de uma construção fantasmática que nos permita sofrer menos.

Em síntese, Nobre (1999) nos ajuda a compreender a Modernidade como portando um movimento dialético e simbiótico com o discurso sociológico clássico. Ao percebermos os fundamentos filosóficos aí inseridos, editados e re-editados fica demasiadamente visível o quanto a Psicanálise encontra suporte para tecer sua trama argumentativa, bem como terreno fértil para edificar os pilares de uma concepção de homem-mulher que nos dias atuais ganha ares de “natureza”, ou seja, concepção, amiúde, tratada de forma naturalizante, reificante, destituída de uma leitura espacial e temporal. Como ilustração de nossos argumentos, basta lembrar das inúmeras tentativas de se postular ensaios acerca do Inconsciente ou do Complexo de Édipo entre os gregos e/ou na Idade Média, como também abordar o desenvolvimento psicosexual das crianças como algo universal! Em outras palavras, Nobre (1999) ao retratar a inovação histórica (universalismo), a inovação antropológica (individualismo) e a inovação cognitiva (cognitivismo) nos permite problematizar a Modernidade enquanto um contexto sócio-histórico-cultural-econômico caracterizado por expressivas alterações no campo simbólico. São mudanças materiais acompanhadas por alterações no universo discursivo que fomentam e consolidam as raízes, os pilares, as edificações, os fundamentos de tão expressiva forma de perceber o mundo, o homem, a

mulher e as inúmeras conexões daí advindas. E, nesta medida, a Psicanálise apresenta-se como um elemento muito forte desse universo discursivo.

De variadas maneiras, a história dos estudos psicológicos está entrelaçada à história da modernidade e às suas vicissitudes. São múltiplas as relações das ‘psicologias’ com os movimentos de expansão e, principalmente, (...) de retraimento do espaço das virtudes morais, pois foi exatamente deste duplo movimento que nasceu o ‘psicológico’ (FIGUEIREDO, 1994: 26).

A leitura de Figueiredo (1994) torna-se aqui imprescindível e esclarecedora, pois para entendermos a gestação do psicológico e todas as implicações subjetivas aí presentes faz-se necessária a existência de uma sociedade marcada pela experiência moderna e, portanto, do discurso científico. O percurso realizado por ele ao longo do seu livro “*A invenção do psicológico – quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*” só reforça a idéia de que o campo subjetivo é uma construção histórica que tem início nas transformações ocorridas a partir do século XVI, ou melhor, a partir dos primeiros ensaios daquilo que ficará legitimado como Modernidade (FOUCAULT, 1999 e FRIDMAN, 2000). Nesta medida, podemos até lembrar rapidamente do argumento de Martins (1994: 16) quando este nos fala que a Sociologia seria impensável “(...) nas relativamente estáveis sociedades pré-capitalistas” e daí, também, argumentarmos que a Psicanálise seria também impensável fora do contexto histórico marcado pelo Capitalismo, bem como distante dos parâmetros impostos pelo discurso científico. A Psicanálise não teria, portanto, espaço e força nas sociedades pré-capitalistas.

A Modernidade, a Sociologia e a Psicanálise encontram, então, campo para o estabelecimento e a consolidação de relações de co-dependências e inter-relações, afinal se a Modernidade é um terreno fértil às investidas sociológicas e psicanalíticas, estas, por sua vez, conduzem, a partir das relações de saber-poder e dos seus discursos legitimados pelo aval da Ciência, a um enaltecimento da Modernidade enquanto forma de pensar, sentir, perceber, imaginar e viver a vida em sociedade. Resta-nos reconhecer que esse “enaltecimento” também acaba deixando evidenciadas as fragilidades, contradições e limitações tão próprias da Modernidade.

A Psicanálise na Paraíba: cenas de acolhimento, conflito e saber-poder

A trajetória até aqui desenvolvida pode ser tomada como um dos nossos maiores resultados, afinal foi preciso assumir uma postura investigativa e, acima de tudo, provocadora diante do estabelecimento das relações entre Psicanálise & Modernidade.

Somente assim, tornou-se possível problematizar as informações colhidas a partir de nossas lembranças (como estudante de Psicologia e candidato ao título de “psicanalista”) e o contato com os quatro entrevistados, cujos relatos nos permitiram traçar fragmentos da constituição do campo psicanalítico na Paraíba.

Tal procedimento implicou em tomar caminhos que remetem aos limites da interpretação na pesquisa social – os quais já tiveram seu início desde o momento que entramos em contato com os mesmos, seja marcando a entrevista, seja no momento da entrevista propriamente dita. Afinal, o pesquisador social encontra seus entraves justamente nesse processo de mediação cuja expressão maior é a linguagem e sua afirmação ou não enquanto ato comunicacional (GIDDENS, 1996; GONZÁLEZ REY, 2002; LEÓN, 2005; entre outros).

Nosso lugar, neste momento, é decisivo. É preciso ter sensibilidade suficiente para ouvir, calar e falar respeitando as aparições, as apresentações do fenômeno social enquanto acontecimento complexo, histórico, dialógico e multidimensional.

Giddens (1996) parece nos permitir um entendimento mais convincente neste aspecto, pois a sociedade, para ele, é uma construção, uma produção ativa dos sujeitos em sociedade. *“Os seres humanos transformam-se a si próprios, mas não produzem, é claro, o mundo natural, que está constituído enquanto mundo-objeto, independentemente da sua existência”* (GIDDENS, 1996: 182). Neste particular, os psicanalistas na Paraíba encontram-se, cada um a sua maneira, submetidos a esta dinâmica social. Por mais que se perceba neles uma postura de que suas vidas correm quase que num mundo paralelo, no qual as leis existentes são apenas aquelas das *“formações do inconsciente”* – jargão lacaniano! Como ilustração, basta apenas lembrar a recusa que enfrentamos, logo no início da nossa pesquisa, quando a coordenadora de uma das instituições-agências formadoras paraibanas nos negou o acesso aos seus integrantes. Não que o social tenha que se encontrar sempre disponível para o trabalho investigativo. Não é esta nossa argumentação. Na verdade, o que nos assustou foi a maneira como as palavras foram pronunciadas, o tom das argumentações de recusa, bem como a postura de prepotência como se a Psicanálise fosse um território apenas passível de investigação restrito aos seus próprios pares – uma espécie de sociedade secreta: *“[nossa instituição] não se presta a esse tipo de trabalho!”* e *“como a banca deixou passar esse projeto, se nós não fomos comunicados?!”*

Na verdade, para Giddens (1996), a problemática do entendimento da vida em sociedade não se encontra num processo de interiorização de valores, mas sim nas relações de mudanças existentes entre os atores sociais e a produção e reprodução da vida social. Aqui ele

fundamenta seu argumento, problematizando o pensamento de Durkheim e Parsons ao passo que se aproxima e amplia as contribuições de Marx. Chega, então, a afirmar: “(...) toda a reprodução é necessariamente produção: *a semente de mudança está em todo o acto que contribui para a reprodução de qualquer forma <ordenada> de vida social*” (GIDDENS, 1996: 120).

Pensamos que estas afirmações são decisivas para que possamos situar as agências formadoras no bojo dessa dinâmica social. São elas: a *Sociedade Psicanalítica da Paraíba* (SPP), fundada em 1995; a *Delegação Paraíba* (DP) da *Escola Brasileira de Psicanálise* (EBP), criada em 1997; e a *Escola Freudiana de João Pessoa* (EFJP), de 2000. Ou seja, por mais que percebamos nelas um elemento forte no campo da reprodução, seria ingênuo de nossa parte não identificar aí elemento de produção social. Uma maneira de ilustrar dada compreensão pode ser voltarmos o entendimento para nossa própria trajetória, pois a presente pesquisa significa a possibilidade de, mesmo tendo participado ativamente de pelo menos dois dos três grupos existentes na Paraíba, sempre nos portamos de maneira crítica diante das tentativas constantes de domesticação e/ou adestramento (FOUCAULT, 1999) – estratégias de ajustamento do corpo e da mente dos candidatos(as) ao título de psicanalista. Assim como é possível situar também pelo menos dois dos nossos entrevistados: Cláudio Ramos e Deborah Oliveira³. O primeiro que possui uma trajetória de reconhecimento marcada pelo enfrentamento institucional e extrema criticidade perante a Psicanálise; e Deborah que, por mais que possuísse e preenchesse todos os pré-requisitos para torná-la uma referência na Paraíba, sempre se portou cética diante das tentativas de agrupamento, bem como foi literalmente boicotada por alguns dos seus pares – colegas de trabalho no Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Talvez o mais relevante, neste momento, seja perceber que o conceito que fará, segundo Giddens (1996), a liga no seu esquema teórico é a noção de poder. Isto é, se o que se encontra em jogo é a vida social e a efetivação de práticas reprodutoras, as ações aí existentes estarão, para ele, diametralmente associadas ao poder.

O <poder>, no sentido geral da capacidade transformadora da actividade humana, é a capacidade de um actor intervir numa série de fenómenos de modo a alterar o seu curso; como tal é o <posso> que faz a mediação entre as intenções ou vontades e a realização momentânea efectiva dos resultados procurados posteriormente. O <poder>, no seu sentido mais estrito e relacional, é uma propriedade da interacção e pode ser definido como a

³ Os nomes aqui são fictícios.

capacidade para assegurar resultados, cuja realização depende da actividade de *outros*. É neste sentido que alguns têm poder <sobre> outros: é o poder como dominação (...) (GIDDENS, 1996: 129).

Acreditamos que para entendermos melhor a concepção supracitada seja preciso realizar um exercício teórico-metodológico e visitar, agora mais detidamente, sem esquecer o norte traçado por Giddens (1996), as contribuições de autores como Bourdieu, Foucault e Simmel na intenção de aprofundar as questões aqui elencadas.

Com Bourdieu podemos perceber que a Sociologia deve estar preocupada em fomentar uma análise do social via leitura crítica dos seus acontecimentos; procurando, assim, chamar atenção para o jogo de interesses específicos que mobilizam os atores sociais nas suas práticas diárias, os quais conduzem estes mesmos atores a perceber, amiúde, uma pseudo-realidade, ou melhor, um estado de fantasia onde o “desinteresse mútuo” encobre uma real luta pelo poder, pela hegemonia. A situação descrita por nós, por exemplo, e relatada por nossos entrevistados apontam justamente para um contexto no qual a Psicanálise e o saber/não-saber aí presentes funcionaram como moeda de troca e, principalmente, como elemento de manutenção e (re)produção de uma dinâmica própria de cada pessoa dentro dos grupos psicanalíticos na Paraíba.

E é justamente daí que advém a necessidade de identificar a existência de um campo psicanalítico paraibano. Bourdieu (1983) nos ajuda a pensar nesta direção, pois a noção de “*campo*” pode ser entendida como espaço onde há relações de forças, de lutas em constante processo de transformação. Associa-se, assim, a idéia de conflito e de tensão como sendo núcleos que caracterizam muito significativamente as disputas e interesses dentro de cada campo. É semelhante a um jogo onde as pessoas almejam alcançar objetivos e interesses bem específicos, ou melhor, o poder. A idéia aqui é desmistificar a Psicanálise e mostrar que ela não se encontra fora do jogo social, pois nos grupos que foram por nós pesquisados a dinâmica interna e externa demonstra claramente que existe sim uma forte disputa, amiúde, velada pelo título de agência formadora e propagadora legítima dos ensinamentos freudianos na Paraíba. Os ditos “de fato” seguidores de Freud e transmissores de seus ensinamentos.

Nossa pesquisa verificou, por exemplo, que é preciso se adequar às interpretações da obra freudiana mediante a leitura que é propagada por cada agência formadora ou, quando muito, circunscrever sua demanda de leitura aos autores que são característicos daquele determinado grupo. Por exemplo, na SPP a simples referência a Lacan pode ser motivo de significativos constrangimentos, pois um dos seus sócios mais ilustres não compartilha da

chamada interpretação lacaniana, preferindo, na verdade, a interpretação da obra de Freud à luz de Laplanche.

Vale ressaltar, todavia, que o pensamento desenvolvido por Bourdieu (1983, 1987 e 1992) não é determinista. Seu esforço é justamente no sentido de superar seja o determinismo seja o voluntarismo, pois não é à toa que ele prefere falar em “*condicionantes sociais*”, quer dizer, “*estruturas sociais*” que são, concomitantemente, reproduzidas pelos comportamentos individuais e produtoras desses mesmos comportamentos. Isto significa que para se falar em “escolha” é preciso frisar que esta mesma “escolha” ocorre dentro e respeitando um certo contexto. São assim, para ele, escolhas condicionadas socialmente.

Aqui nos deparamos com o conceito fomentado por Bourdieu (1983) e que é de extrema importância para podermos conhecer melhor a complexidade social: o conceito de “*habitus*”, o qual possibilita o trabalho sociológico junto aquilo que poderíamos chamar de “a marca do indivíduo”. Para Bourdieu (1983), o “*habitus*” apresenta-se como um sistema de disposição e pode ser caracterizado a partir de dois sentidos: 1) resultado de ação organizadora e 2) uma predisposição, uma tendência.

Acreditamos que neste trânsito entre “*estrutura*” e “*habitus*”, as figuras que melhor se destacam e expressam a força do pensamento de Bourdieu (1983) são os dois entrevistados citados anteriormente. Ambos trazem a marca da singularidade, pois mesmo tendo adquirido os bens simbólicos próprios para serem reconhecidos no meio paraibano como ícones do movimento na Paraíba, acabam optando por um caminho que parece ferir – cada um a sua maneira e nos seus grupos específicos – as exigências que foram outrora delineadas pelos seus respectivos grupos. Dito de outra maneira, eles não abrem mão da originalidade de pensamento e da conduta sem maiores amarras institucionais, em nome de um prestígio restrito ao grupo ou entre os grupos psicanalíticos paraibanos. As outras duas entrevistadas, em contrapartida, apenas reproduzem nas suas entrevistas, os inúmeros jargões proferidos pelas instituições as quais pertencem.

Mezan (1985: 96-97) talvez nos permita um maior avanço neste sentido ao problematizar o ensinamento foucaultiano e se referir a Psicanálise nos seguintes termos:

Ela [a Psicanálise] é uma prática, uma (ou várias) teoria e uma instituição (várias) que só existem imersas no *socius*, sujeita como qualquer outras às suas determinações, e delimita em seu espaço de manobra pelas mesmas condições que governam a emergência de saberes, técnicas e organizações no interior deste *socius*. Portanto a idéia de integrar ou reintegrar a psicanálise numa rede de relações que lhe são simultaneamente interiores e

exteriores nada tem de ilegítimo. O inconsciente não conhece a temporalidade, mas disciplina que toma por objeto sim: e temporalidade quer dizer aqui imersão na história, nos jogos do poder e do saber, na batalha das idéias e no embate das instituições. Saudemos Foucault por relembrar isto aos psicanalistas, de ordinário tão reticentes em reconhecer que são sujeitos históricos e em admitir que sua atividade não se desenrola apenas na “outra cena”, mas igualmente “nesta” cena – a cena do mundo em que vivemos.

Vejamos que podemos estabelecer uma verdadeira cadeia associativa, qual seja: a reprodução social em Giddens (1996), a dinâmica estrutura-*habitus* em Bourdieu (1983) e a inscrição de um corpo discursivo em Foucault (1999). Cadeia esta que nos possibilita entender a dinâmica saber-poder na vida ordinária dos(as) psicanalistas.

Acreditamos que para fundamentar ainda mais nossa compreensão, Simmel necessite ser mencionado, pois se dedicou veementemente ao estudo dos grupos, procurando desvendar os mecanismos aí implicados.

Dizemos isto porque quando este insere o “conflito” como tema relevante na discussão do “processo de *sociação*” – processo de constituição de um grupo ou sociedade, a partir da presentificação dos impulsos individuais (motivações, interesses e objetivos) – ocorre, no nosso entender, uma inovação no sentido da compreensão dos movimentos constituintes de um grupo. Aquilo que outrora era entendido como espaço de puro consenso e unicidade, agora, com Simmel, ganha ares de lugar de tensão, de desacordo.

O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes. Isso é aproximadamente paralelo ao fato do mais violento sintoma de uma doença ser o que representa o esforço do organismo para se livrar dos distúrbios e dos estragos causados por ele (SIMMEL, 1983: 122-123).

E é justamente em defesa de um pensamento que privilegia os aspectos paradoxais da sociedade que Simmel lança os pilares do seu arcabouço teórico-metodológico. Uma ilustração para dada afirmação diz respeito a maneira como ele compreende a relação indivíduo-sociedade. Na sua visão, o indivíduo encontra-se dotado de força e ímpeto para colocar-se enquanto autor social e não simplesmente ator.

Desta forma, Bourdieu, Foucault e Simmel soam como autores indicados para nos proporcionar uma compreensão mais precisa acerca dos nossos achados, pois como se encontra evidenciado desde os primórdios da Psicanálise, o conflito e as tentativas de aplinar suas repercussões têm gerado rupturas, cisões, coligações e reorganizações dos grupos

psicanalíticas quando o assunto em pauta é o percurso que o candidato a analista tem que fazer para poder ser reconhecido pelo grupo como tal (ROUDINESCO, 1986, 1989 e 1994).

Percebemos claramente que o elemento que permite a liga entre esses três autores são as inúmeras cenas que ouvimos de acolhimento, conflito e saber-poder presente nas entrevistas e nas marcas de nossa própria história. Os grupos psicanalíticos na Paraíba precisam ser percebidos na sua própria complexidade, pois o elemento de tensão e discordância encontra-se presente mesmo nos momentos em que as relações parecem conter certa harmonia. A própria disputa entre os grupos para assumir o lugar de quem melhor responde pela causa freudiana, apresenta-se como exemplo significativo.

Em suma, podemos afirmar que a constituição da Psicanálise na Paraíba repetiu muito dos percalços experimentados nos primeiros anos dela no mundo e no Brasil (PERESTRELLO, 1988 e ROUDINESCO, 2005). Os fragmentos delimitados por nós revelam uma formação precária dos seus precursores e pioneiros, bem como pouco rigor do ponto de vista da realização de suas análises pessoais. A institucionalização dos grupos formadores a partir dos anos 90 como uma espécie de ganho secundário, pois não havia mais espaço na UFPB e seu Programa de Pós-Graduação em Psicologia já que a maioria que se afirmava como psicanalista não possuía a titulação necessária para assumir uma Linha de Pesquisa reconhecida pelos órgãos oficiais. Encontramos, na verdade, um significativo desprezo por determinadas pessoas que se mostravam mais aptas a responder pelo lugar da Psicanálise na Paraíba, como por exemplo, Aurélio José de Freitas – o qual foi professor, supervisor e psicanalista de muitos que hoje se encontram em lugar de destaque na cena psicanalítica paraibana. Noutros momentos, a formação propriamente parece não ser no fundo uma questão que separe o joio do trigo, afinal a logística ganhava sempre contornos de acordos entre pares de amizade, romances e poder de persuasão.

Nesta medida, pelo menos no geral, o foco central de disputa sempre esteve enredado em torno da maneira como ocorre a “formação do(a) psicanalista”. Elemento que já se destacava quando nos deparávamos com a própria história da Psicanálise em termos mundiais. Em outras palavras, a formação em questão funcionou e até hoje continua funcionando como uma espécie de “calcanhar de Aquiles”, como ponto nevrálgico⁴ de discordância entre os grupos de formação de psicanalistas e/ou suas agências formadoras. E, portanto, na Paraíba, ocorre uma atualização – (re)significações – destas mesmas questões.

⁴ “Adj. relativo ou semelhante à nevralgia; 2. delicado, em que se deve tocar com muito cuidado” (OLINTO, 2001: 360).

Tal compreensão ilustra muito bem a chamada crise de identidade que tanto caracteriza a era moderna. O(A) psicanalista pôde ser, então, pensado(a) como um dejetivo desse projeto social, uma espécie de engodo que mesmo nos momentos atuais, na dita contemporaneidade, continua a constituir, fomentar e forjar sentimentos, atitudes, comportamentos, pensamentos e visões de mundo diante da vida em sociedade, ou seja, funda e repele todo um disciplinamento da vida social. Em síntese, a Psicanálise e, conseqüentemente, os(as) psicanalistas foram compreendidos aqui como representantes das inúmeras contradições epistêmicas, sociais, éticas, políticas, culturais, entre outras, que tão bem caracterizam a Modernidade e suas construções-configurações subjetivas emergentes.

Desmistificar o processo de “formação do(a) psicanalista” e demonstrar que, semelhante aos demais grupos sociais (partidos políticos, grupos religiosos, grupos de profissionais liberais etc.), os grupos psicanalíticos também se encontram submetidos as normatizações (regras, padrões de conduta, entre outras) que regem a vida social, foi mais um desafio! Vale salientar que partimos do entendimento de que o processo de formação aqui retratado é um percurso no qual o(a) candidato(a) – futuro(a) psicanalista – precisava adquirir determinados bens simbólicos (prestígio institucional) para ser assim reconhecido(a) pelo grupo e poder circular no meio usufruindo de todos os ganhos daí advindos; tendo também que responder (dever ser!) a uma determinada postura exigida pelo grupo (aspecto moral e/ou ético).

Ademais, foi possível reconhecer que tais agências e/ou grupos assemelhavam-se a “sociedades secretas”, repletas de procedimentos e exigências que obedeciam e obedecem a uma lógica própria, particular de cada instituição e/ou grupo. Verificamos, de forma geral, espécies de rituais de iniciação e de passagem para que se pudesse ascender ao título de “psicanalista”. Outros, todavia, ascendiam e eram reconhecidos sem necessitar passar tão rigidamente pelos rituais de iniciação e de passagem. Explicamos melhor. Muitas vezes o simples fato de fazer análise ou ser supervisionado(a) por uma determinada figura de destaque do meio, já servia de passaporte para um tratamento diferenciado no grupo ou até fora dele.

A particularidade da história da Psicanálise na Paraíba recaiu sob o fato de ter sido um movimento que tem início no âmbito acadêmico e, por conta da inexistência de qualificação docente e inexpressiva força política interna, os psicanalistas começam a perder terreno e são quase que obrigados a fundar seus grupos de estudo, década de 80, os quais se transformarão nas sociedades e/ou escolas psicanalíticas paraibanas nos anos 90. E acreditamos que é justamente daí que brota a sua fragilidade, pois enquanto um movimento que já começa cindido a carga de tensão entre os grupos toma ares muito mais expressivos. Ademais, o

mercado social da clínica psicanalítica paraibana não parece comportar tantos psicanalistas e candidatos(as) a psicanalistas, uma vez que cultural e economicamente não temos um cenário propício ao seu desenvolvimento, principalmente se pensarmos a Paraíba fora do eixo Campina Grande-João Pessoa. Em outras palavras, a clínica psicanalítica paraibana ainda não encontrou um caminho próprio para que pudesse imprimir sua marca enquanto prática com apelo social em todo o território paraibano.

Por fim, podemos dizer que o campo psicanalítico na Paraíba é um cenário bélico entre praticamente irmãos e irmãs: uma espécie de luta narcísica que parece nos dias atuais só ter enfraquecido o movimento e deixado a Psicanálise cada vez mais à margem das conquistas sociais e acadêmicas. Dizemos isto porque, por mais que tenhamos três grandes grupos aqui constituídos e com um trabalho já minimamente consolidado, a relação entre eles é quase inexistente, apesar da proximidade em suas trajetórias: as figuras que despontam como “líderes” são antigos colegas de Departamento e/ou chegaram a ter alguma ligação de amizade e/ou de estudo. Enfim, temos quase que uma reedição de um Oriente Médio.

Os fragmentos de história paraibana aqui explicitados, portanto, demonstraram a articulação direta entre Psicanálise & Modernidade, pois se pode perceber que a história da Psicanálise encontra um terreno próprio na Modernidade e a própria Modernidade funda uma experiência subjetiva que necessita de um discurso capaz de qualificar tais investidas humanas. Há uma simbiose muito intensa e capaz de nos fazer compreender melhor o quando a Psicanálise precisa rever suas conceituações para que na atualidade possa continuar a subsistir enquanto discurso possível acerca do homem-mulher contemporâneos. A Paraíba, então, afirmou-se como um espaço fenomenologicamente expressivo para percebermos tal articulação.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: Educ: Escuta, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1900.

- _____. *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1908, p. 187-210.
- _____. *O mal-estar na civilização*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1929, p. 81-168.
- FRIDMAN, Luis Carlos. *Vertigens pós-modernas*. Configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- _____. *Novas regras do método sociológico: uma crítica positiva às Sociologias interpretativas*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira: Thompson Learning, 2002.
- LEÓN, Adriano de. As tramas das falas: a análise de discurso como ferramenta de interpretação. In: *Cartografias das novas investigações em Sociologia*. João Pessoa: EDU-UEPB/Manufatura, 2005, p. 83-108.
- MARTINS, Carlos Benedito. *O que é Sociologia*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MEZAN, Renato. Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise. In: *Recordar Foucault: os textos do Colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 94-125.
- MILLOT, Catherine. *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- NOBRE, Renarde Freire. A modernidade na teoria sociológica: afinidades clássicas. In: *Teoria & Sociedade*. Nº 3. Belo horizonte: Departamentos de Ciências Políticas e de Sociologia e Antropologia da UFMG, 1999, p. 87-128.
- OLINTO, Antonio. *Minidicionário Antonio Olinto da língua portuguesa*. 2ª Ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2001.
- PERESTRELLO, Marialzira. Primeiros encontros com a Psicanálise. Os precursores no Brasil (1899-1937). In: *Efeito psi. A influência da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 151-181.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *História da Psicanálise na França – A Batalha dos Cem Anos (1885-1939)*. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- _____. *História da Psicanálise na França – A Batalha dos Cem Anos (1885-1939)*. Vol. II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- _____. *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *O paciente, o terapeuta e o Estado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- SIMMEL, Georg. *Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.